

## **A VIDA DE UM TORCEDOR SÍMBOLO**

### **THE LIFE OF A SYMBOLIC SUPPORTER**

Juan Sampaio Neitzke<sup>1</sup>  
Dalila Müller<sup>2</sup>

#### **RESUMO**

Torcedor do Grêmio Atlético Farroupilha, time de futebol da cidade de Pelotas/RS, Guilherme Silva Dias, de 77 anos de idade, mais conhecido como “Trem”, se destaca como torcedor símbolo. Assim, este trabalho propõe uma análise de sua vida, através de vídeos, materiais jornalísticos e da fonte oral. Trem acompanha o Farroupilha desde criança, quando escutava os jogos pelo rádio acompanhado de seu pai. Posteriormente, foi jogador profissional, atuando no Clube. De maneira abnegada, atualmente, Trem se faz presente na maioria dos jogos do time, dentro e fora de casa, demonstrando uma intensa relação clubística. Esta sua trajetória de fidelidade e amor ao clube faz com que seja reconhecido como o torcedor símbolo, tanto por dirigentes, torcedores e instituições.

Palavras-Chave: Futebol. Trajetória de vida. Torcedor Símbolo.

#### **ABSTRACT**

Supporter of Grêmio Atlético Farroupilha, a football team from Pelotas City, Guilherme Silva Dias, 77 years old, better known as “Trem”, it stands out if as a symbolic supporter. Thus, this work proposes a brief analyse of his life, through videos, journalistic material and the oral source. Trem accompanied the Farroupilha since he was a child, when he listen to the radio, with his father. Posteriorly, he became a professional player of football, playing in the Club. In an unselfish way, currently Trem is present in most of the Farroupilha’s matches. This track of loyalty to the club makes it recognized as a symbolic supporter of the Farroupilha, both by leaders, football fans and institutions.

Keywords: Football. Trajectory of life. Symbolic supporter.

#### **INTRODUÇÃO**

---

<sup>1</sup> Mestrando em História no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) – Pelotas/RS. Atualmente é bolsista CAPES.

<sup>2</sup> Doutora em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Atualmente é professora associada da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), atuando no Programa de Pós-Graduação em História.

O Grêmio Atlético Farroupilha, fundado em Pelotas no ano de 1926, conhecido como “fantasma”<sup>3</sup>, foi campeão estadual em 1935, sendo esta conquista a maior glória da história do clube. Na atualidade, o Farroupilha disputa a Terceira Divisão do Campeonato Gaúcho, tendo, em julho de 2018 conquistado o acesso à Segunda Divisão deste campeonato, que disputará a partir de 2019. Desde 2005 o time não figura entre os principais clubes do Rio Grande do Sul na disputa da Primeira Divisão.

Durante parte da trajetória do clube se destaca a presença de Guilherme Silva Dias – nas arquibancadas e fora delas –, conhecido como “Trem”, como ele gosta de ser identificado: “*eu acho tão bonito meu nome Trem*” (TREM, 2018), e considerado o torcedor símbolo do Farroupilha.

Desse modo, este trabalho discute a trajetória de vida deste torcedor a partir de fontes diversas, mas, principalmente, da fonte oral, possibilitando o entendimento do que caracteriza um torcedor símbolo.

A proposta aqui pensada de realizar um artigo sobre a vida de um cidadão reconhecido popularmente em sua cidade e também no Estado do Rio Grande do Sul, devido ao seu envolvimento clubístico – em que pese ser um homem comum – e vivo é, justamente, praticar a defesa da possibilidade de produzir trajetórias de vida de pessoas do nosso dia a dia, e não apenas de vultos imaculados ou já desconstruídos em vida, ou após a morte. Com relação a produção biográfica, Schmidt (2000) cita que:

O primeiro elemento que marca as biografias históricas produzidas recentemente, perceptível em uma passada de olhos pelos títulos dos trabalhos, diz respeito à escolha dos personagens enfocados. [...] verifica-se igualmente um interesse pelos membros das classes subalternas, pelas pessoas comuns, pela *gente miúda*. (SCHMIDT, 2000, p. 52) [grifos do autor]

A observação acima citada pontua uma mudança frente aos biógrafos clássicos que se dedicavam a escrever sobre a vida de pessoas públicas, dos ilustres, dos grandes vultos. Estes clássicos realizavam, assim, uma biografia “*mais propensa à*

---

<sup>3</sup> Apelidado assim devido à localização de seu estádio, próximo do Cemitério Ecumênico São Francisco de Paula.

*apologia do que à análise, mais preocupadas com os fatos [...]” (SCHMIDT, 2000, p. 49).*

A partir, principalmente da obra de Thompson (1987), ocorreu uma renovação na historiografia ocidental, inaugurando a chamada “história vista de baixo”, o que possibilitou a compreensão do papel dos homens comuns na história, que antes eram esquecidos pela biografia. É importante citar também o trabalho de Carlo Ginzburg (2006) sobre o moleiro Menocchio, considerado um indivíduo comum, mas “*um indivíduo aparentemente fora do comum*” (GINZBURG, 2006, p. 10).

Tendo em vista a natureza da oralidade, que é a principal fonte do presente escrito, coloca-se aqui a temática da memória como cara ao desenvolvimento da pesquisa. Pois, através da conexão memória e fala, podemos conceber informações que não necessariamente consegue-se encontrar em documentos escritos, documentos cartoriais e jornais, por exemplo. Nesse sentido, metodologicamente, a história oral possibilita o conhecimento de narrativas não presentes na historiografia tradicional.

Sobre esta relação, Meihy e Holanda (2011) assinalam que:

A memória como geradora de conhecimento deve ser vista como uma usina capaz de propor relatos que sirvam menos para encantar ou anestesiar lembranças caras e mais pelo impacto social. Não se despreza, porém, a alegria e pertinência de histórias que mereçam registro. Assim, as entrevistas devem conter registros de temas capazes de sugerir reflexões atentas ao interesse público amplo. (MEIHY; HOLANDA, 2011, p. 74)

Pensando sobre o sujeito estudado – um senhor que beira a casa dos 80 anos –, se apenas passarmos os olhos por cima do tema, somos levados, inicialmente, a uma constatação que parece óbvia: Guilherme Silva Dias é uma pessoa que tem muito a contar.

Desse modo, sua experiência é valorizada pelo fato de que, ao narrar sua vida, Trem conta “*uma versão do passado*” e repensa sua vida “*a partir das inquietações e tensões do presente*”, ou seja, “*a história oral não produz documentos sobre o passado e sim em diálogo com ele, à luz das circunstâncias do tempo presente.*” (RIBEIRO, 2007, p. 37).

Tratar de história oral e memória não é uma naturalidade, mas, no pensamento popular, claramente é. É pensado inicialmente que uma pessoa idosa “tem muito a contar”, “uma vida inteira a contar”, “idosos gostam de falar de suas vidas”, isto citado apenas para ficarmos em três frases comuns de se ouvir – poderíamos elencar aqui outras tantas. Conforme destaca Bosi (1994, p. 63) “*Haveria, portanto, para o velho uma espécie singular de obrigação social, que não pesa sobre os homens de outras idades: a obrigação de lembrar, e lembrar bem*”.

Trem faz jus a esta afirmação popular, pois conta, elenca acontecimentos e narra de maneira habilidosa. Mas, neste caso em particular, devemos levar em consideração que Trem é uma pessoa que, vez ou outra, participa de entrevistas de rádio e televisão, então, é uma pessoa que está acostumada a falar de sua relação com o Grêmio Atlético Farroupilha em matérias jornalísticas.

A narrativa de Trem para este trabalho é de outra natureza, é resultado de um encontro em que:

[...] o que é registrado é algo entre a história que o entrevistador quer construir e a história que o entrevistado quer contar. Tem-se acesso a uma seleção que de certa forma é uma auto-análise [sic] resultante de um campo de tensão (a situação da entrevista). (RIBEIRO, 2007, p. 37)

Até o momento, foram realizados dois encontros com o Trem. Um encontro inicial, realizado em maio de 2018, quando foi explicado o objetivo da pesquisa e, neste encontro obtivemos as primeiras informações referentes à sua vida e seu envolvimento com o Clube. No segundo encontro, que ocorreu em junho do mesmo ano, estes aspectos foram aprofundados.

O primeiro encontro, por sugestão do próprio entrevistado, foi realizado no estádio do clube, o Estádio General Nicolau Fico<sup>4</sup> e, o segundo, também por sua sugestão, foi realizado em sua residência. Ambas as entrevistas foram gravadas e transcritas.

No estádio, Trem nos recebeu na Sala de Troféus do Farroupilha, sendo este espaço um local da administração do clube, demonstrando assim, a sua inserção ao

---

<sup>4</sup> Estádio localizado na Avenida Duque de Caxias, nº 837, Bairro Fragata, Pelotas-RS.

Clube para além das arquibancadas. Demonstra também, conforme podemos supor, que a escolha desta Sala como local de recepção foi intencional, buscando expor os títulos e honrarias que o Clube recebeu ao longo de sua trajetória de mais de 90 anos.

Na sala da casa de Trem, onde nos recebeu no segundo encontro, visualizamos um acervo relativo à sua trajetória como jogador e torcedor, ou seja, a memória da sua vivência futebolística (HOLLANDA, 2010), onde localizamos fotografias, uma bandeira, diversos troféus, placas de homenagens, entre outros materiais (Figura 1), os quais foram fotografados e serão utilizados neste trabalho de maneira ilustrativa. Percebe-se que Trem fez da sua própria vida, a partir do arquivamento, uma obra de arte (ARTIÈRES, 2013).



Figura 1 – Trem e seu Acervo Pessoal.

Fonte: Autores, 2018.

Também fazemos uso de duas reportagens de jornais. A reportagem do dia sete de março de 2011 do Correio do Povo de Porto Alegre, intitulada “*A vida de quem não torce para os grandes. Trem dedicou toda a sua vida a ser fã do pequeno Farroupilha, de Pelotas.*” e a reportagem em vídeo, disponível na página do jornal Diário Popular de Pelotas no *Facebook*, do dia 29 de outubro de 2015 “*Conheça a história de Trem*”.

Procuramos, a partir da história oral, abordar aspectos da história de Trem enquanto torcedor do Grêmio Atlético Farroupilha, destacando três questões: como se deu sua aproximação com o futebol e, especificamente, com o futebol no Farroupilha; quais suas relações, enquanto torcedor, com o Clube, dirigentes e jogadores; e qual a sua trajetória que culminou com o título de torcedor símbolo do Farroupilha.

As informações foram ordenadas e classificadas previamente a análise (GOMES, 1995), ou seja, o material das entrevistas foi organizado a partir da transcrição, releitura e organização das narrativas de Trem. Após, foram identificadas as informações relevantes a partir dos questionamentos citados anteriormente e analisadas, estabelecendo um diálogo com a literatura relacionada, procurando entender a história de vida de Trem enquanto um torcedor símbolo.

Muitos trabalhos sobre torcedores de futebol referem-se às torcidas organizadas. Podemos citar os trabalhos de Bernardo Buarque de Hollanda, sobre as torcidas organizadas na cidade do Rio de Janeiro; Luiz Henrique de Toledo, que realizou um apanhado histórico sobre as torcidas organizadas desde a sua gênese na cidade de São Paulo; Rosana da Câmara Teixeira, que pesquisa a relação entre jovens e torcidas organizadas; entre outros. Sobre torcedores-símbolo pode-se citar o trabalho do jurista e jornalista João Antero de Carvalho “*Torcedores de ontem e de hoje*”, onde analisa a biografia de cinquenta torcedores emblemáticos de clubes do Rio de Janeiro e o livro “*Heróis do cimento*”, do jornalista Hilton Mattos, que analisa vinte e quatro torcedores-símbolo dos grandes clubes do Rio de Janeiro (HOLLANDA, 2010).

### *TREM: TORCEDOR SÍMBOLO DO FARROUPILHA*

Nascido em Santa Isabel, no Interior do Município de Rio Grande, no estado do Rio Grande do Sul, no ano de 1941, Guilherme Silva Dias, criado, quando jovem no meio rural, serviu na marinha, foi jogador profissional e amador, tendo passagens nos anos 1960 como goleiro no Rio-Grandense, de Rio Grande, no Internacional, de Porto Alegre e no próprio Grêmio Atlético Farroupilha. Quando deixou o futebol profissional,

jogava em times amadores e começou a trabalhar no Serviço Autônomo de Saneamento de Pelotas (SANEP). Hoje aposentado, é mais conhecido por ser o mais ilustre torcedor do Grêmio Atlético Farroupilha. Atualmente reside no Bairro Fragata, em Pelotas, muito próximo do estádio do seu clube, o Estádio General Nicolau Fico.

No dia do encontro previamente marcado, Trem nos recebeu devidamente fardado dos pés à cabeça, fazendo uso de calça, jaqueta e boné do Farroupilha. Materiais esportivos sempre possuem marcas em destaque, o fornecedor, os patrocinadores e, claro, o escudo da equipe, este último, o mais presente. Os símbolos – camisetas, bandeiras, dentre outros – são compartilhados e valorizados pelos torcedores por garantirem reconhecimento e visibilidade, constituindo sinais de identificação e distinção (TEIXEIRA, 2006).

Com relação a sua vestimenta, comentou que usa diariamente roupas com as marcas do Farroupilha, com destaque quando vai ao centro da cidade: *“O Farroupilha ganha eu já vou fardadinho já, [de] abrigo. Agora no inverno é a roupa que eu uso pra ir pro centro eu vou [de] abrigo. Eu tenho dois abrigos meus [do Farroupilha] [...]”* (TREM, 2018). E, além disso, cita que:

Desde novinho sempre usei [uniforme]. Tem uma coisa, claro, o Farroupilha me deu muitos fardamentos, camisetas, essas coisas, me dão. Inclusive tenho uma camiseta assinada por jogadores todos. Mas meu uniforme quem compra tudo, tudo, sou eu que mando fazer ao meu gosto. Mando fazer ao meu gosto do Farroupilha. [...] Do Farroupilha eu tenho três bandeiras. Tenho uma com o distintivo do Farroupilha e mais duas sem distintivo. (TREM, 2018)

Colocando-se como um torcedor de destaque, e reconhecendo isto (conforme veremos a seguir), é necessário destacar que, atualmente, o Farroupilha não possui nenhuma torcida organizada – a presença de TO’s é algo extremamente comum entre os clubes brasileiros, inclusive nos clubes de várzea – então, reforça-se, mais ainda, a sua atitude como simbólica pois, em seu estádio não há torcedores devidamente fardados como organizados e, nas ruas de Pelotas, não caminham grupos organizados hierarquicamente vestindo camisas personalizadas com o escudo do Farroupilha.

Jahnecka (2010) discute o que é ser torcedor a partir dos trabalhos de Arlei Sander Damo, destacando o sentimento de pertencimento clubístico, significando a lealdade ao clube. O mesmo autor define o torcer a partir da ligação emocional, do sentimento de pertencimento, ou ainda da aproximação momentânea com o clube (JAHNECKA, 2010).

Trem, o torcedor aqui analisado, possui uma ligação emocional para com o time que torce, possui um sentimento de pertencimento ao clube, corroborando com Jahnecka (2010) quando afirma que *“Um indivíduo torna-se torcedor quando se identifica com o clube de futebol passando a compartilhar sentimentos, memórias, histórias, valores em comum com o clube e com outros indivíduos torcedores.”* (JAHNECKA, 2010, p. 52).

Assim como muitos torcedores, Trem herdou o gosto pelo futebol, e pelo Farroupilha em específico, de seu pai, Terêncio Dias que, conforme afirma, foi jogador do clube, estando, inclusive, no banco de reservas do esquadrão que trouxe a sua maior conquista: o Campeonato Gaúcho da Primeira Divisão de 1935.

A primeira vez em que esteve no Estádio General Nicolau Fico foi acompanhado de seu pai, aos 10 anos de idade. Antes disso, já estava acostumado a ouvir os jogos do Farroupilha pelo rádio, cercado pela mesma companhia familiar. Com relação ao ato de torcer e os laços familiares, o antropólogo Luiz Henrique de Toledo cita que a escolha de por qual clube torcer:

[...] estaria associada menos aos marcadores sociais de classe e ideológicos e mais às relações societárias primárias, frequentemente manifestadas no interior da família, das parentelas, dos círculos de amizades (bairros, escolas, clubes etc.). (TOLEDO, 2010, p. 184)

Seu pai, sua primeira referência torcedora, foi tenente do exército e, segundo Trem, destacou-se como jogador de um clube que traz, desde sua fundação, uma estreita relação com o exército. Não por acaso, seu primeiro nome foi *Grêmio Athletico 9º Regimento de Infantaria* e, posteriormente, devido a uma legislação da Era Vargas, o nome teve de ser modificado para Grêmio Atlético Farroupilha, nome utilizado até os dias atuais.

O Clube foi criado em 1926 na cidade de Pelotas pelo 9º Regimento de Infantaria, localizado no Bairro Fragata, Zona Oeste da cidade, no mesmo bairro em que o Batalhão do Exército se localiza. Por conta desta característica, o clube foi dirigido por militares desde a sua fundação, tendo poucos dirigentes civis na sua trajetória de 92 anos, mesmo após sua desvinculação do 9º Regimento. Destacamos o Coronel do Exército Ewaldo Poeta, que foi presidente do Clube por mais de 50 anos. Sobre este envolvimento do clube com o Exército, Trem comenta que:

Isso aí era outra coisa também, que o Farroupilha era grande por causa do exército. [...] A gente que servia, gurizada tudo nova que servia era obrigada a ser sócio do Farroupilha, já vinha descontada em folha. Aquilo era uma renda que o Farroupilha tinha pra manter o clube. [...] Não tinha escolha, podia ser quem fosse que era obrigado a ser sócio do Farroupilha e descontava o pagamento. [...] O jogador que não fosse vinculado em clubes, que iam servir, fosse jogador de futebol, ele era obrigado a jogar no Farroupilha. Ou se não o Farroupilha sedia ele pra outros clubes... era tudo isso assim, o Farroupilha tinha vantagem. (TREM, 2018)

Ao ser fundado por militares, teve, em sua primeira diretoria, um total de quatorze oficiais. Esta característica continuou anos após a sua fundação:

É, a maior parte da diretoria do Farroupilha dificilmente tinha um paisano, era tudo militar, no Farroupilha tudo era militar. [...] Apoiavam em ajudar, ajudavam em tudo o Farroupilha. Os militares, os milicos iam pra limpar o campo, pintar o campo naquela época e agora nada disso acon[tece], de jeito nenhum. [...] [Uma maior proximidade] Deixou de existir desde que o finado General Plácido Nogueira saiu fora do Farroupilha. [...] Antes dele falecer já não era mais do Farroupilha, já tinha saído fora quando se aposentou, foi embora pra Porto Alegre. Aí o Farroupilha completamente se deligou do Exército. (TREM, 2018)

Trem afirma que, por volta dos 12 anos de idade, seu pai já o treinava como goleiro, e desta forma foi “*gostando do gol*” (TREM, 2018). Nesta posição Trem passou a atuar ainda adolescente no futebol amador e, em seguida, aos 18 anos, começou a atuar em clubes de futebol profissional.

No amadorismo, Trem atuou em clubes como:

[...] amadores, grandes... já tiveram até na Segunda Divisão, o Internacional de Arroio Grande, o Ferro de Pedro Osório, no

## A VIDA DE UM TORCEDOR SÍMBOLO

Juan Sampaio Neitzke  
Dalila Müller

Vitoriense, no Grêmio Lourenciano e na colônia eu joguei em muitos times, no time Cacique, joguei no Montebonitense, joguei no Guarani, em todos esses times eu andei jogando assim [...]. (TREM, 2018).

Pela narrativa, observamos que Trem jogou em diversos times amadores da região Sul do Rio Grande do Sul, de cidades como Arroio Grande, Pedro Osório, Santa Vitória do Palmar, São Lourenço do Sul e na zona rural de Pelotas, localmente conhecido como futebol colonial.

No futebol profissional, Trem atuou em três clubes: Grêmio Atlético Farroupilha, de Pelotas; Football Club Rio-Grandense, de Rio Grande e Sport Club Internacional, de Porto Alegre. Trem comentou que sua breve passagem por clubes profissionais durou aproximadamente quatro anos, atuando sempre como goleiro. Ele começou a jogar no Farroupilha, depois foi para o Rio-Grandense onde, segundo o mesmo, se destacou em uma partida amistosa contra o Internacional, fazendo com que o clube da capital o levasse para compor seu elenco. A sua saída do time do Internacional foi marcante, pois, justifica que saiu porque falhou em uma partida contra o Esporte Clube Cruzeiro, também de Porto Alegre. Ao se desiludir na capital, voltou para Pelotas, onde atuou no seu clube do coração, o Farroupilha – o último do seu período profissional. Depois da incursão no profissionalismo, voltou a sua origem: o futebol amador da zona sul do Rio Grande do Sul.

Uma das primeiras curiosidades quando nos referimos à Guilherme diz respeito ao seu apelido “Trem”, por que Trem? A resposta é que, quando jovem, em um campo de futebol de várzea, no final da Rua General Osório, em Pelotas, Trem apesar de goleiro, também atuava na linha e, segundo conta, corria demais, fazendo, assim, com que seus colegas o apelidassem de Trem.

[...] os caras diziam: sai da frente, sai da frente que aí vem um trem [...] e eu fiquei bravo e pegou o apelido. Hoje a história do Trem, que eu não gosto que me chamem de Guilherme, eu gosto que me chamem de Trem [...] inclusive aqui no Farroupilha tudo, ninguém, a maior parte não sabe meu nome, é “Seu Trem, Seu Trem, Seu Trem” e eu acho tão bonito meu nome Trem [...]. (TREM, 2018)

Este seu apelido, que recebeu aos 11 de idade, segue com ele durante toda sua vida, e foi lhe atribuído pelo fato de ser comparado com um trem, ou seja, “*muito*

*esperto, rápido, deixa todo mundo para trás. Pegou. ‘Claro que como toda a criança que ganha um apelido, eu odiei. Com o tempo fui gostando e às vezes nem atendo quando me chamam por Guilherme’, diverte-se.” (CORREIO DO POVO, 07.03.2011, on line).*

Após sair de campo no futebol profissional e ser dispensado pela Marinha, Trem recebeu a proposta para trabalhar no SAE (atual SANEP, autarquia pelotense de abastecimento de água), conforme conta:

Dentro do Farroupilha mesmo e daí foi a história de eu largar o futebol foi o finado seu General Plácido Nogueira, ele era comandante, naquela época e ele me pegou e disse “-olha oh”, aí eles me chamavam pelo apelido Trem. “-Trem, seguinte, olha, tem um serviço bom pra ti, tu sabes que o futebol tá caindo e tem caras bons aí tão bem, tu não que pegar de funcionário público?” Eu disse, “- Ué, mas aceito” aí ele foi lá no, era o SAE de primeiro, não era o SANEP, era o SAE, e falou com os homens lá e fiquei 37 anos trabalhando, me aposentei por lá, não deixei meu comandante passar vergonha [risos]. (TREM, 2018)

Notamos, novamente, a ligação entre duas instituições importantes na vida de Trem: o Exército e o futebol, meio pelo qual conseguiu seu emprego, após não continuar sua carreira de atleta profissional.

Verificamos também, que desde a infância o Farroupilha está na ordem do dia da vida de Trem. E, com clareza, constata-se o mesmo em sua vida idosa. Atualmente, parte significativa da vida de Trem é voltada para atividades que cercam o clube como, por exemplo, a presença em todos jogos possíveis, dentro e fora dos domínios do Estádio General Nicolau Fico. Além disto, Trem apresenta uma atuação que chama a atenção, pois é um torcedor com inserção dentro da diretoria do Clube, onde, inclusive, recebeu o cargo simbólico – por ele assim classificado – de terceiro tesoureiro da atual gestão.

Ao torcer, Trem busca *“incentivar o seu time sem ver os adversários como inimigos e muito menos, sem utilizar força física para superá-los.”* (HANSEN, 2007, p. 1-2).

Durante as entrevistas, Trem relatou sua ajuda diária ao clube, onde, de maneira voluntária, prepara cafés e lanches para os atletas em dias de treino e

também comentou sobre sua preocupação em auxiliar na estruturação da instituição com a organização de rifas. Trem relatou, com expressa alegria em seu rosto, o momento em que adquiriu para o clube uma máquina de cortar grama:

Eu comprei uma máquina a motor pro Farroupilha de gasolina, tá, eles não quiseram fui lá e tirei, peguei meu cartão, fui lá e comprei, R\$ 700,00. Aí fui no rapaz fazer uma rifa [...] eu calculei assim, vou tirar uns 200 já me ajuda, já. [...] no primeiro dia, dia de semana eu fiz R\$ 300,00 [...] quando foi agora domingo, fui lá vender o resto, vendi tudo, fiz R\$ 700,00. (TREM, 2018)

Este relato demonstra a sua dedicação ao Clube, podendo até ser considerada uma dedicação exagerada, do mesmo modo como a família do entrevistado de Bernardo Buarque de Hollanda, Sergio Aiub, considerava sua dedicação à torcida organizada do Fluminense (HOLLANDA, 2010).

Quando questionado sobre o motivo de ser considerado o torcedor símbolo do clube, Trem primeiramente comentou que isto está ligado ao fato de ser um torcedor que acompanha o clube nos estádios fielmente. Passagem interessante do segundo encontro foi o depoimento de que, ao acompanhar os jogos fora de Pelotas, compartilhava o mesmo espaço que jogadores e delegação:

[...] eu sempre andei com o Farroupilha pra fora. Quando o Farroupilha ia viajar, quando o Farroupilha [es]tava na Segunda, [es]tava na Primeira Divisão eu viajei pra Lajeado, Santa Maria, quase tudo isso. Às vezes eu ia, eu dormia com os jogadores ali. Cansei de dormir junto com o João Francisco, que era o centroavante do Farroupilha, mais o Betão, que era o goleiro. Eles me botavam pra dentro do quarto deles e não deixavam eu pagar o hotel lá [...] eu ia de ônibus com o Farroupilha. Mas eu tinha que pagar meu, meu, a minha estadia lá, mas eles não deixavam, os guris [...]. (TREM, 2018)

Percebemos que, mesmo encontrando-se segregados no espaço do estádio durante os jogos, há uma simbiose e reciprocidade entre os jogadores do Farroupilha, seus dirigentes e o Trem.

Se comparado aos torcedores que fazem parte das torcidas organizadas, Trem estaria entre os mais ativos, os “*militantes*” (HOLLANDA; MEDEIROS; BISSO, 2017), pois estrutura seu tempo em função do calendário futebolístico e da rotina do Farroupilha, comparece aos treinos, se insere na política clubística, viaja com o time,

percebendo o Farroupilha como uma entidade que dá sentido a sua vida (HOLLANDA; MEDEIROS; BISSO, 2017).

O próprio Trem não sabe quando recebeu este título de torcedor símbolo pela primeira vez, porém, no seu acervo, encontram-se algumas “placas” de reconhecimento e, dentre elas, duas da década de 1990, nas quais é identificado como “torcedor símbolo” e “destaque símbolo” (Figura 2 e 3).



Figura 2 – Placa de Reconhecimento ao Trem – 1991.  
Fonte: Acervo Pessoal de Trem (Foto: Autores, 2018).



Figura 3 – Placa de Reconhecimento ao Trem – 1996.  
Fonte: Acervo Pessoal de Trem (Foto: Autores, 2018)

Analisando as placas acima, podemos notar duas informações interessantes. A placa da Figura 2 foi-lhe ofertada pelo próprio Clube, assinada pelo presidente à época, ou seja, constitui-se como um reconhecimento oficial. Na placa da Figura 3 podemos notar que a instituição que lhe ofereceu a honraria é externa, sendo esta a

Liga Pelotense de Futebol, uma organização que hoje organiza o Campeonato Citadino Amador de Pelotas e foi fundada em 1907 (AMARAL, 2003). Esta é uma das Ligas mais antigas do país, e, no âmbito regional, antecede a fundação da Federação Gaúcha de Futebol, fundada em 1918.

Quando perguntado se se enxerga como um torcedor símbolo de fato, Trem narra passagens de seu dia a dia como, por exemplo, situações corriqueiras quando vai ao centro de Pelotas e é parado pelas pessoas. Neste ponto assume ficar com vergonha, pois, segundo conta, o público quer tirar fotos com ele.

Demonstrando ser um torcedor que preza pela presença pacífica em estádios, outro relato que nos traz é de quando vai ao Estádio Boca do Lobo, do clube rival Esporte Clube Pelotas, assistir aos jogos e, em alguns momentos, precisa parar de se ater ao o que ocorre em campo para dar atenção às crianças que pedem para tirar fotos com ele. Além da citada relação amistosa com a torcida do Pelotas, Trem afirma também possuir relação similar junto à torcida do Grêmio Esportivo Brasil, de Pelotas, segundo comenta: “[...] *E ali, no Aquários<sup>5</sup>, fui tomar um cafezinho; a mesma coisa, pessoal lá dentro batendo foto comigo. Torcedores do Brasil, dirigentes do Brasil [...] e do Pelotas, batem foto comigo [...]*”. (TREM, 2018)

Após tantos anos ao lado do Farroupilha, momentos de escassez de conquistas e onde os rivais locais se sobressaem, Trem faz de seu amor ao clube o seu escudo, “[...] *é o Farroupilha e a minha família as coisas que eu mais gosto na minha vida, as coisas que eu mais gosto [...]*”. (TREM, 2018). Inclusive, compara o amor que tem à sua esposa ao que carrega pelo Clube (DIÁRIO POPULAR, 29.10.2015).

O amor também é demonstrado pelo sentimento de tristeza quando o time perde: “*Eu chorava quando o Farroupilha era derrotado, aliás, ainda choro’, conta ele. ‘Ficava dias numa tristeza enorme’, ressalta.*” (CORREIO DO POVO, 07.03.2011, *on line*). Também ressalta, na entrevista para o Diário Popular, gravada em vídeo e disponibilizada na página do *Facebook*, que “*a dor está por dentro do peito. Eu não*

---

<sup>5</sup> Café popular na cidade de Pelotas, localizado na Rua XV de Novembro, nº 602.

*almoço, eu não janto, não tomo café quando o Farroupilha perde.*” (DIÁRIO POPULAR, 29.10.2015).

Os estudos desenvolvidos sobre a trajetória de outros torcedores, como, por exemplo, o trabalho de Hilton Mattos, também demonstram que o que une o fã e seu clube é o amor puro (MATTOS, 2007). Pelo seu clube do coração, o torcedor deixa de se alimentar corretamente, falta ao trabalho, complica-se em relacionamentos, dentre outros atos que muitas vezes são considerados loucura (MATTOS, 2007).

É cristalizada já a ideia de que o futebol é um palco para a expressão, teatralização das emoções e paixões. De maneira corriqueira, este esporte é citado como “*a paixão nacional*”. Em breve citação, podemos trazer o clássico de Johan Huizinga, em *Homo Ludens*, que, ao tratar da temática do esporte, assinala que: “[...] *a alegria que está indissolivelmente ligada ao jogo pode transformar-se, não só em tensão, mas também em arrebatamento. A frivolidade e o êxtase são os dois polos que limitam o âmbito do jogo.*” (HUIZINGA, 1980, p. 23-24).

A paixão de Trem pelo seu time do coração é pensada por ele para além da vida, quando comenta que seu desejo final é ser enterrado no túmulo do Clube: “*Eu até pedi, pro dia que Deus me levar que eles botem meus ossos no túmulo do Farroupilha. [...]*” (TREM, 2018). O túmulo citado por Trem é um espaço de sepultamento para dirigentes, jogadores e também torcedores do Grêmio Atlético Farroupilha, localizado no Cemitério Ecumênico São Francisco de Paula da cidade de Pelotas.

Mesmo não fazendo parte de uma torcida organizada, sendo considerado um espectador individualizado, percebe-se que Trem se vê como “*alguém ‘autêntico’, dotado de legitimidade*”, mais dedicado que os demais torcedores. Desse modo, “*o sacrifício empenhado torna-o uma pessoa detentora de ‘paixão’, entendida como qualitativamente superior, pelo futebol, pelo seu clube e pela sua torcida.*” (HOLLANDA; MEDEIROS; BISSO, 2017, p. 551).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A trajetória de vida de Trem, o torcedor símbolo do Grêmio Atlético Farroupilha, abordada neste artigo, nos permite pensar o que caracteriza um torcedor símbolo. Destacamos, em primeiro lugar, o amor incondicional ao clube, demonstrado, dentre outras situações, nas emoções fortes causadas pelas vitórias e derrotas do time – a alegria quando das vitórias e a tristeza após as derrotas, que o leva ao choro e à falta de vontade de fazer as atividades do dia a dia.

O sentimento de pertencimento ao clube é outro aspecto importante de ser destacado, fazendo com que o torcedor se sinta, em muitas ocasiões, responsável pelas condições do time, levando-o a contribuir com o clube em espécie e trabalhando voluntariamente.

Trem se preocupa em promover a imagem de seu time do coração através do uso das roupas com o emblema (casacos, abrigos, camisetas, bonés) em situações do dia a dia. Pode-se considerar isso comum a qualquer torcedor de futebol, porém, Trem demonstrou em entrevista que opta por mandar produzir os seus próprios materiais com referências ao clube, mesmo que o clube lhe ofereça fardamentos, os quais ele prefere não fazer uso. Este cuidado também foi demonstrado por Trem quando se fardou para a realização da entrevista em sua residência (ver Figura 1) e pela escolha de dois locais para as suas realizações: a sala de troféus do clube e a sala de sua casa, com seu acervo particular.

Conforme observa-se em placas (ver Figuras 2 e 3), Trem é reconhecido como um símbolo do Farroupilha para além do folclore futebolístico local, afinal de contas, estas placas foram ofertadas por instituições como a Liga Pelotense de Futebol e o próprio Grêmio Atlético Farroupilha.

Outro ponto crucial para entender a particularidade da atividade torcedora de Trem é a sua inserção dentro do clube onde, inclusive, ocupa um cargo dentro da direção, contrariando a lógica de um torcedor comum. Desta maneira, Trem perpassa as interpretações possíveis sobre o que é ser um torcedor símbolo no futebol atual. Vale lembrar que o personagem aqui estudado faz parte de um pequeno clube do interior gaúcho, que não possui torcida organizada, onde as precariedades do futebol que podem ser vistas como “antigas” convivem lado a lado com a lógica de um futebol contemporâneo.

É importante destacar, ainda, o respeito que a população pelotense e também do Estado tem pelo torcedor, reconhecendo-o nas ruas, nos diferentes estádios de futebol do Estado e também destinando a ele algumas reportagens.

Estas características tornam o Trem um personagem histórico do futebol pelotense e também gaúcho, como tal, merece que outros aspectos da sua trajetória de vida ainda sejam analisados.

Desse modo, podemos considerar o Trem uma pessoa comum, mas, principalmente, uma pessoa fora do comum, o que acaba por lhe conferir o título de torcedor símbolo atribuído pelos dirigentes do Grêmio Atlético Farroupilha, pela imprensa e, de modo geral, pelos pelotenses e torcedores dos diferentes times de clubes gaúchos.

Não é arriscado dizer que, em tempos de escassez de conquistas e de atletas de alto nível, Trem configura-se atualmente como a maior estrela do clube, ou no mínimo a personalidade viva mais conhecida.

## REFERÊNCIAS

AMARAL, Mário Gayer. **A história do futebol em Pelotas (1901-1941)**. 2003. Monografia (Licenciatura em História) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2003.

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar-se: a propósito de certas práticas de autoarquivamento. In: TRAVANCAS, Isabel; ROUCHOU, Joëlle; HEYMANN, Luciana (Orgs.). **Arquivos pessoais: reflexões multidisciplinares e experiências de pesquisa**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013. p, 45-54.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**. O cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição. Tradução de Maria Betânia Amoroso. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GOMES, Romeu. A análise de dados em pesquisa qualitativa. In.: MINAYO, Maria Cecília de S. (Org.). **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. 4.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

HANSEN, Viviane. **Torcida organizada Os Fanáticos: relacionamentos e sociabilidade**. 2007. 101f. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

HOLLANDA, Bernardo B. Buarque de; MEDEIROS, Jimmy; BISSO, Luigi Quevedo. As formas elementares da vida torcedora: um relato etnográfico das práticas e representações das torcidas organizadas na Arena Maracanã. **Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, n. 13, p. 547-562, 2017.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. A voz da torcida: Biografia, História Oral e Memória nos relatos de antigas lideranças torcedoras. **Aurora**, n. 9, p. 27-47, 2010. Disponível em [www.pucsp.br/revistaaurora](http://www.pucsp.br/revistaaurora). Acesso em 10/12/2018.

HUIZINGA, Johan. **Homo ludens**: o jogo como elemento da cultura. São Paulo: Perspectiva, 1980.

JAHNECKA, Luciano. **O jeito xavante de torcer**: formação de memórias em uma torcida de futebol. 2010. 73f. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências) – Instituto de Ciências Básicas da Saúde, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

MATTOS, Hilton. **Heróis do Cimento**: o torcedor e suas emoções. Rio de Janeiro: Revan, 2007.

MEIHY, José Carlos Sebe B.; HOLLANDA, Fabíola. **História oral**: como fazer, como pensar. 2.ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2011.

RIBEIRO, Suzana Lopes Salgado. Visões e Perspectivas: Documento em História Oral. **Oralidades**: Revista de História Oral, São Paulo: Núcleo de Estudos em História Oral, ano 1, n. 1, p. 35-44, jan./jun. 2007.

SCHMIDT, Benito Bisso. Luz e papel, realidade e imaginação: as biografias na história, no jornalismo, na literatura e no cinema. In: SCHMIDT, Benito Bisso (Org.). **O biográfico**. Perspectivas interdisciplinares. Santa Cruz do Sul: Editora UDUNISC, 2000.

THOMPSON, Edward P.. **A formação da classe operária**. Tradução Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

TEIXEIRA, Rosana da Câmara. Torcidas Jovens Cariocas: símbolos e ritualização. **Esporte e Sociedade**, Niterói, n. Mar.-Jun. 2006. Disponível em: <http://www.lazer.eefd.ufrj.br/espsoc/>. Acesso em 10/12/2018.

TOLEDO, Luiz Henrique de. Torcer: a metafísica do homem comum. **Revista de História**, São Paulo, n. 163, p. 175-189, jul./dez. 2010.

#### *Fontes:*

CORREIO DO POVO, Porto Alegre, 07.03.2011. Disponível em: <http://www.correiodopovo.com.br/Impresso/?Ano=116&Numero=158&Caderno=10&Noticia=265381>. Acesso em: 03.05.2018.

DIÁRIO POPULAR, Pelotas, 29.10.2015. Disponível em: <https://www.facebook.com/diariopopularRS/videos/1135587933135840/>. Acesso em 03.05.2018.

#### *Entrevistas:*

GUILHERME SILVA DIAS. Entrevista concedida. Pelotas, Brasil. Maio e junho de 2018.

**A VIDA DE UM TORCEDOR SÍMBOLO**

Juan Sampaio Neitzke  
Dalila Müller

*Artigo recebido em 24/08/2018*

*Artigo aceito em 15/01/2019*